



CADERNOS
DE ESTUDOS
SEFARDITAS



2º SEMESTRE 2019

Cadernos de Estudos Sefarditas

DIRECTORA

Maria de Fátima Reis

COMISSÃO CIENTÍFICA

Béatrice Perez

Bruno Feitler

Francesco Guidi-Bruscoli

François Soyer

Jaqueline Vassallo

Filipa Ribeiro da Silva

COMISSÃO EDITORIAL

Carla Vieira

Miguel Rodrigues Lourenço

Susana Bastos Mateus

© Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste

Design da capa: João Vicente

Paginação: Rodrigo Lucas

Tiragem: 100 exemplares

Impressão: LouresGráfica

Data de impressão: Janeiro de 2020

Depósito legal: 426885/17

ISSN: 1645-1910

Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa

Telef. +351 21 792 00 00

cadernos_sefarditas@letras.ulisboa.pt

<http://cadernos.catedra-alberto-benveniste.org>

Índice

Nota editorial 7

PARTE I - ARTIGOS

REVITAL REFAEL VIVANTE – Artistic-Rhetoric Expressions of the Jewish-Christian Debate in the Medieval Hebrew Fables: The Dove and the Raven as Allegorical Figures 11

DANIEL MARTÍN GONZÁLEZ – Hidden vs. Overt Protestant Propaganda in an Educational Book in Judeo-Spanish: Alexander Thomson's *Silabario* (Constantinople, 1855) 29

LUIS GIL FERNÁNDEZ – Matias Bicudo Folgado a Don Juan de Austria, sobre cómo montar una red de espionaje 49

DANIELA CRISTINA NALON E ANGELO ADRIANO FARIA DE ASSIS – Félix Nunes de Miranda: um cristão-novo entre dois reinos, duas religiões e duas Inquisições 71

PARTE II – NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

CRISTINA OHANA – A Epistemologia de Maimônides no *Guia dos Perplexos* ... 95

PARTE III – CRÓNICAS

- CARLA VIEIRA E SUSANA BASTOS MATEUS – Congresso Internacional “Diásporas, Identidade e Globalização”. Bragança, 19 a 21 de Junho de 2019 117
- MACARENA CORDERO FERNÁNDEZ – Lenguaje inquisitorial: Coloquio sobre Inquisiciones comparadas. Ciudad de México, 15 y 16 de octubre de 2019 123
- OLIVIA MORENO GAMBOA – Seminario Internacional Historia de Las Inquisiciones – Santo Oficio y mundos coloniales. Santiago de Chile, 6-8 de noviembre de 2019 127
- MARIA DE FÁTIMA REIS – Portugal na IHRA – International Holocaust Remembrance Alliance, Luxemburgo, 2 a 5 de Dezembro de 2019 131

PARTE IV – RECENSÕES

- CARLA VIEIRA – Alex Kerner, *Lost in Translation, Found in Transliteration: Books, Censorship, and Evolution of the Spanish and Portuguese Jews’ Congregation of London as a Linguistic Community, 1663-1810* (Leiden: Brill, 2018) 135
- SUSANA BASTOS MATEUS – *El Antiguo Testamento & el arte Novohispano* (Ciudad de México: Instituto Nacional de Bellas Artes, Museo Nacional de San Carlos, 2018) 139
- Notas biográficas 143
- Normas para submissão de artigos 145

CARLA VIEIRA
 CHAM / NOVA FCSH
 Cátedra de Estudos Sefarditas
 Alberto Benveniste

*Antiguo Testamento & el arte
 Novohispano (Ciudad de México:
 Instituto Nacional de Bellas Artes,
 Museo Nacional de San Carlos, 2018),
 264pp. ISBN: 978-607-605-577-9.*

Esta obra consiste no catálogo de uma exposição com o mesmo título que esteve patente no Museo Nacional de San Carlos, na Cidade do México, de 25 de Outubro de 2018 a 3 de Março de 2019. O *corpus* da exposição consistiu em 50 obras produzidas no vice-reino da Nova Espanha durante os séculos XVII e XVIII. O objectivo principal desta recolha de património, conservado em colecções particulares ou em variados museus e outras instituições mexicanas, é o de dar a conhecer uma tipologia de peças, integradas no contexto artístico colonial americano, que poucas vezes tem sido apresentada ao público e até mesmo estudada pelos especialistas da arte novo-hispana. E a temática insere-se, em concreto, num complexo jogo de inter-conexões culturais em que encontramos traduções pictóricas de elementos, episódios, histórias da bíblia hebraica e, além do mais, objectos que serão integrados em contextos devocionais cristãos. Sem dúvida, o tema é aliciante e o catálogo resultante da exposição é um objecto de grande importância para despertar o interesse dos investigadores no aprofundar da temática.

A curadora da exposição, Marcela Corvera Poiré, professora da Facultad de Filosofía y Letras da Universidad Autónoma de México é autora de um dos textos-chave deste livro “La Biblia y su importancia cultural” (p. 15-43). A autora já se dedicara a estudar a presença do Antigo Testamento na arte do vice-reino peruano no seu livro *El Antiguo Testamento en el Arte del Virreinato Peruano* (Lima: Seminario de Historia Rural Andina, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2009). Neste caso, o seu texto serve de contexto aos objectos seleccionados. Também se destaca a centralidade que a Bíblia Hebraica (*Tanakh*) teve no cristianismo a partir do momento em que se aceitou que estes livros eram também parte da revelação divina. O imaginário das narrativas dos antigos patriarcas, como Moisés, e o árduo caminho percorrido pelo povo hebreu até chegar à tão desejada terra prometida, todos estes elementos povoaram os universos cristãos, tanto em forma de palavra como em forma de imagem. Mas, como a obra em apreço trata do território da Nova Espanha, uma das questões centrais presentes no livro é a de verificar como chegou o Antigo Testamento ao território. Desde os primeiros momentos da conquista, podemos referir que existem três vectores principais de introdução dos elementos do Antigo Testamento. O primeiro, talvez o mais difícil de aferir pelos historiadores, inscreve-se na circulação de ideias e sensibilidades que era inerente às migrações dos indivíduos. Ao chegar ao território “mexicano”, os *conquistadores* levavam consigo memórias destas histórias bíblicas inseridas naquilo

que podemos designar como a sua matriz cultural judaico-cristã. O segundo vector prende-se com o próprio esforço missionário de evangelização da população local. Os missionários levavam, não só, os seus próprios conhecimentos, mas também os seus livros, as suas Bíblias. E aqui começamos a encontrar um sinal directo da introdução de objectos europeus em território americano. Mas, ainda ligado a este universo das missões, temos o terceiro vector de introdução de elementos do Antigo Testamento na Nova Espanha. Os missionários, desde as primeiras décadas do século XVI, sentiram a necessidade de traduzir os textos bíblicos – ou os seus comentários – para as línguas locais. Corvera Poiré menciona um exemplo precoce, datado de 1567, o *Resumen de la Biblia en lengua mixteca*, do dominicano Benito Hernández, obra que foi amplamente utilizada e copiada (p. 23). As personagens das histórias bíblicas foram utilizadas pelos frades pregadores para narrar as suas histórias exemplificadoras e, deste modo, passar para as populações indígenas alguns dos principais elementos do cristianismo. Estas formas de verdadeiro hibridismo cultural podem ser apreciadas através da leitura de autos sacramentais redigidos em *náhuatl*, nos quais, muitas vezes, se associam qualificativos de prestígio na língua local às personagens bíblicas, de forma a veicular a ideia de dignidade destes sujeitos. Um exemplo que a autora nos proporciona é o de David e Abraão que surgem definidos como *tlahtoani David* e *tlahtoani Abraão*, fazendo-se referência a um qualificativo que designava os governantes de México-

Tenochtitlan (p. 24). Esta permeabilidade não foi, certamente, apenas num sentido e devemos supor que os indígenas também incorporaram personagens e histórias bíblicas na construção posterior das narrativas das suas famílias e povoações. São frequentes, nas narrativas fundadoras do século XVII, a introdução de elementos da história da criação ou do dilúvio universal, por exemplo. Num outro sentido, também da América para a Europa chegavam estas tessituras histórias complexas. Assim, procurando descrever a estrutura e as relações de poder do mundo indígena, os frades enviavam para a Europa grelhas analíticas em que comparavam certos governantes a figuras bíblicas (um senhor de Texcoco comparado ao rei Saul); cidades e construções (a cidade do México e o Templo de Jerusalém; a pirâmide de Cholula e a torre de Babel). O impacto desta permeabilidade é duradouro e faz-se sentir nas obras compostas pelas gerações de escritores *criollos*, povoadas de elementos do Antigo Testamento. E esta “contaminação” cultural insidiou em muitos outros aspectos da vida colonial, dos quais Corvera Poiré nos dá conta, através de sugestivos exemplos.

Mas, como não será de estranhar, todo este processo de conquista e de conversão, teve profundas contradições e as influências doutrinárias tridentinas não deixaram de se fazer sentir nos territórios americanos com uma imposição da ortodoxia católica ancorada, como é óbvio, nos textos do Novo Testamento. Nesse sentido, e apesar dos vários exemplos da capilaridade da presença dos elementos do Antigo Testamento no

território da Nova Espanha, as normativas do *Tercer Concilio Provincial Mexicano* (1585) proibiam que se dessem aos neófitos nomes dos “justos del Antiguo Testamento” (p. 29). Em relação à disseminação popular do texto bíblico na Nova Espanha, Corvera Poiré alerta para a necessidade de ter em conta que a circulação de Bíblias era muito restrita e que era reduzida ao universo eclesiástico. No entanto, em 1675, publicou-se na Cidade do México uma *Ars Biblica* em latim. Tratava-se de um livro de grande utilidade, uma vez que continha em breves palavras os pontos principais tratados no Antigo e no Novo Testamentos, bem como uma chave interpretativa para os conteúdos dos mesmos textos.

O último tema deste capítulo refere-se à presença de matéria do Antigo Testamento na arte produzida na Nova Espanha e como, nos últimos anos, a investigação efectuada permitiu superar o paradigma historiográfico que reiterava a inexistência dessa presença em território mexicano. Os exemplos apresentados são muito numerosos e dispersos pelo actual território mexicano. Entre os muitos que podemos citar, referiremos apenas uma *Alegoría del Arca de la Alianza y la Eucaristía*, presente na capela de São Francisco Xavier em Tepotzotlán, na qual aparecem personificadas a Igreja e a Sinagoga. A primeira levanta o véu que cobre o rosto da Sinagoga, que leva nas mãos as tábuas da lei, para lhe mostrar uma custódia com a eucaristia, num gesto simbólico que procura representar a superação da Antiga Lei pela Nova (p. 35).

A segunda parte desta obra, da

responsabilidade de Almerido Ojeda, dedica-se mais concretamente à delimitação e análise do *corpus* expositivo. O autor começa por explicar os principais conceitos que presidem à criação da arte colonial, o que ele designa por *mecanismos de la inventiva del arte colonial* (p. 45): reprodução, tradução, instalação, combinação, adaptação, reinterpretação e invenção. Este trabalho tem por base um projecto de investigação que elaborou uma base de dados com mais de 4000 registos, nos quais se identificam as obras de arte e as gravuras europeias que estiveram, muitas vezes, na origem dos exemplos coloniais (p. 46). Dos sete *mecanismos de la inventiva* destacados pelo autor, apenas o último, *invención*, corresponderia a um processo inédito, sem modelo gravado. Apesar dos cuidados a ter para identificar exemplos de “ineditismo”, o autor não hesita em falar de “innumerables” exemplos de obras da Nova Espanha que foram feitas sem modelo e, inclusivamente, de alguns originais mexicanos que serviram de modelo para obras europeias. É este o caso de um *Retrato de Moctezuma*, atribuído a António Rodrigues que serviu de base a uma gravura da *Istoria della conquista de Messico* publicada em Florença, em 1699, ou do retrato de *Nezahualpilli* presente no *Códice Ixtlilxóchitl*, conservado na BnF, que inspirou uma gravura de Andrea Magliar para o *Giro del Mondo* de Gemelli Carreri, publicado em Nápoles, também em 1699 (p. 62).

A terceira secção do livro apresenta-nos o elenco das peças escolhidas para exposição e consiste no catálogo propriamente dito. No total são 56 obras, reproduzidas com

boa qualidade e acompanhadas por um texto da autoria de vários especialistas. As tipologias das peças são variadas. Destacamos um biombo, produzido em Macau ou nas Filipinas, e comercializado na rota de navegação entre Acapulco e Manila. Neste caso, estamos na presença de uma interpretação asiática de um elemento do Antigo Testamento, para consumo do público da Nova Espanha. Apesar de alguns elementos orientalizantes, como os olhos rasgados das personagens e os seus grandes bigodes, as vestimentas parecem indicar que se utilizaram também modelos de gravuras europeias (p. 79). Na exposição das peças, apresenta-se, em vários casos, a imagem da gravura original que lhe serviu de base (veja-se os exemplos nas páginas 84, 100-102, 105, etc). Para além das muitas obras de arte contidas neste catálogo, o último objecto, acaba por ser um livro. Trata-se da obra impressa de Joseph de Valdivieso, *Exposición Paraphrastica del Psalterio y de los Canticos del Breviario*, publicada na Cidade do México em 1784. No segundo volume desta obra aparecem os últimos setenta salmos bíblicos que sofreram, nesta edição, um interessante processo de “cristianização” pela mão do autor. Um exemplo deste processo encontra-se no salmo XCVIII, em que Valdivieso substitui a palavra Deus por Cristo: “Del Reyno de Christo nuestro Señor” ou outro no cântico de Isaías em que também se acrescentou a palavra Cristo: “Cântico de Isaías de Christo nuestro Señor” (p. 239-240). Trata-se então de uma leitura algo deturpada e cristianizada do texto vetero-testamentário

que pode ter contribuído para obter as licenças necessárias para a impressão.

O levantamento e estudo das obras presentes neste catálogo é tanto mais interessante quando pensamos na sociedade colonial em que se integraram. Uma sociedade cheia de camadas – desde os indígenas recém-convertidos, aos escravos, os europeus, os *criollos* e os cristãos-novos, muitos dos quais acusados de serem judaizantes – a que a Igreja Católica e a Inquisição procuravam manter nos trilhos da ortodoxia religiosa. A breve menção feita nesta obra a alguns quadros e imagens do Antigo Testamento presentes nos inventários de bens confiscados a réus condenados por judaísmo pelo Santo Ofício da Nova Espanha abre, sem dúvida, um amplo filão de possibilidades de investigação e interpretativas, que complementam as anteriores esferas do riquíssimo material iconográfico presente na selecção deste catálogo. Nas palavras da curadora Marcela Corvera Poiré: “Nos gusta pensar que los judíos que vivieron en tierras novohispanas y que por definición tuvieron que ocultar sus creencias, también hicieron sus propias lecturas de las imágenes que los rodeaban, y que debieron sentirse gozosos al tener consigo, o ver en los espacios públicos, obras que les recordaban historias y personajes de su Ley, La Antigua Ley” (p. 38).

SUSANA BASTOS MATEUS

CIDEHUS / UÉvora

Cátedra de Estudos Sefarditas

Alberto Benveniste